

Tempo de Bordar

Beth Ziani

Resumo Bordar em conjunto, compartilhar processos e resultados, trocar experiências, vivenciar a criação coletiva são novos paradigmas da arte de bordar, integrando a tradição e o moderno de forma singular. Neste trabalho, abordaremos projetos relacionados ao bordado, apresentando os métodos desenvolvidos como forma de reflexão sobre essa linguagem que vem tomando espaços significativos em propostas culturais, artísticas e pedagógicas.

Palavras-chave Bordar. Atividade Coletiva. Memória.

Abstract Embroidering together, sharing processes and results, exchanging experiences and living collective creation are the new paradigms of needlework, which integrate tradition and modernity in a unique way. This article will cover embroidery related projects, presenting the developed methods as a reflection upon this language that has been increasingly important for cultural, artistic and pedagogical proposals.

Keywords Embroidery. Collective Activity. Memory.

Tempo de bordar – um tempo que se esquia do cotidiano, reúne, integra e cria.

Tempo do bordar – resistência e silêncio, pois bordar é também compartilhar silêncios.

Beth Ziani

A evolução do homem mostra a linha e a agulha como meios de suprir as necessidades de proteção e de organização. O bordado aparece num outro estágio dessa relação, além das necessidades básicas, e passa pelo desejo do homem de aproximar-se da beleza e de ornamentar o que está ao seu redor e a si mesmo. Nessa perspectiva, o bordado mantém uma relação direta com experiências estéticas do homem.

Atividade quase sempre restrita às mulheres, bordar tinha como objetivos ornamentar e embelezar a casa, as roupas, os enxovais e algumas vezes era geradora de renda familiar. Atualmente, essa linguagem vem sendo difundida de outra forma, estimulando reflexões e representações, aproximando-se de uma linguagem artística. Bordar, hoje, tornou-se sinônimo de encontro, do fazer coletivo, de compartilhamento, enfim uma atividade que possibilita a experiência do contato com o outro e de criação.

Bordar em conjunto, compartilhar processos e resultados, trocar experiências, vivenciar a criação coletiva e definir conceitos estéticos são novos paradigmas da arte de bordar, integrando tradição e o moderno de forma singular. Neste trabalho, abordaremos algumas ações, como forma de reflexão sobre essa nova linguagem que vem tomando espaços importantes em processos coletivos.

Nossa experiência com bordar surgiu através da literatura, especificamente no Grupo Teia de Aranha. A sua origem foi a partir da obra do escritor João Guimarães Rosa e, nessa perspectiva, passamos a incluir o bordado como um dos nossos objetos de estudo, pensando a literatura e outras linguagens artísticas.

O Teia de Aranha nasceu na cidade de São Paulo em 2001 e faz da arte de bordar uma maneira de valorizar a tradição popular, estimular a leitura e compartilhar experiências. É um grupo que, além de desenvolver seus projetos, também multiplica a experiência de bordar ministrando oficinas e desenvolvendo projetos em comunidades.

Figura 1 - Exposição – Brasil Fio a Fio.



Fonte: Acervo do autor.

Da integração com o Grupo Teia de Aranha e do contato com outros grupos de bordadeiras, especialmente em Minas Gerais¹, percebemos que essa linguagem tomara uma dimensão expressiva e criamos o Projeto ***Brasil Fio a Fio, bordar criar compartilhável***², com o objetivo de proporcionar um espaço de reflexão, criação e uma mostra dessa linguagem. A estrutura do encontro refletiu a proposta expressa no nome do evento (*bordar criar e compartilhável*) e tornou possível apresentar os métodos de trabalho utilizados pelos catorze grupos reunidos. Organizamos uma exposição coletiva; oficinas; bate-papos com os grupos e palestras, enfim todos expuseram, dividiram e trocaram suas experiências, refletindo sobre convivência, integração e criação.

Neste encontro, foi possível perceber as várias funções dessa linguagem, as formas de trabalhá-la e destacar alguns aspectos, tendo em vista os objetivos dos grupos reunidos.

Como aspecto comum a todos os grupos, tínhamos a proposta de compartilhamento e convivência entre as pessoas. Portanto, o bordado quase sempre se apresentava como linguagem de integração e união. Para quase todos os grupos, havia também a perspectiva de estimular processos criativos.

Figura 2 - Oficina – Brasil Fio a Fio.



Fonte: Acervo do autor.

A partir desses aspectos, pudemos apontar outras funções do bordado:

- Bordado como meio de celebrar acontecimentos da vida (nascimentos, aniversários, casamentos, datas importantes). Processos mais particulares dos integrantes.
- Bordado como representação da história de vida, elaboração da memória particular e coletiva.
- Bordado como estímulo a reflexões particulares e coletivas de comunidades; locais, associações, enfim a elaboração de questões pessoais e sociais.
- Bordado como expressão da vida, das dificuldades, como forma de valorização do

indivíduo e reflexão em torno da inclusão.

- Bordado como representação da cultura, da educação e da própria arte. Trabalhos temáticos desenvolvidos para espaços públicos e projetos educativos.
- Bordado como manutenção e multiplicação do bordado tradicional.

A maioria dos grupos reunidos, usavam o bordado de maneira não tradicional, denominada Bordado Livre.

Figuras 3 e 4 - Bordado Livre.



Fonte: Acervo do autor.

O Bordado Livre consiste em manter a tradição como base e os pontos tradicionais são utilizados com o objetivo de ultrapassar as regras básicas. Preencher espaços sem uniformidade, dimensionar profundidade, compor desenhos e tramas, enfim dar efeitos sensíveis que fazem da tradição do bordar a base para transformar e colocar essa linguagem entre as artes visuais. A opção por não utilizar bastidores, a possibilidade de criar o próprio desenho e bordá-lo, também são aspectos que compõem a técnica do bordado livre.

O Encontro Brasil Fio a Fio concretizou uma nova dimensão para o bordado e gerou reflexões importantes para a manutenção dessa antiga tradição, além de ressaltar como essa linguagem possibilita, efetivamente, a experiência, a troca e a criação.

Outro projeto que merece destaque pelo método e integração foi o Manto do Vaqueiro - bordado itinerante³, que teve a participação de aproximadamente 200 pessoas. Num rico processo coletivo, foi possível, além de integrar pessoas, criar um elo de ligação entre lugares e comunidades. Realizado em cidades de Minas Gerais envolvidas no Circuito Literário Guimarães Rosa, este projeto foi realizado através do Museu Casa Guimarães, situado em Cordisburgo/MG⁴.

O principal objetivo era registrar a memória do sertão ainda viva e estabelecer diálogos entre literatura e outras áreas. A proposta foi bordar com as comunidades a tradicional capa do vaqueiro (Capa Ideal) e transformá-la em um objeto-síntese da memória coletiva daquela região. O vaqueiro em Minas Gerais, e em quase todo o Brasil, teve uma função importante tanto para a economia quanto para a difusão da cultura, e é um personagem

muito significativo no imaginário coletivo. A própria vestimenta já era objeto de memória, bastava ser exposta para as histórias surgirem. Assim, a capa-piloto teve uma função muito importante, pois estimulou a narração de histórias de vida, acontecimentos, referências coletivas, enfim uma forma de estabelecer os paralelos desejados no projeto.

Além do objeto a ser bordado, outro aspecto positivo foi a participação das comunidades em um projeto relacionado a uma instituição pública – Museu Casa Guimarães Rosa, representativa em toda a região por ser detentor de informações e multiplicador de experiências relacionadas à literatura e à cultura sertaneja. Esse aspecto foi bastante estimulador, uma vez que os participantes foram inseridos em um processo coletivo com visibilidade no próprio museu. Outra singularidade deste projeto foi a experiência estética proposta, aspecto que abordaremos mais adiante.

Assim, tínhamos como premissas para o desenvolvimento do projeto elementos desafiadores:

- a concretização da memória através de um objeto comum – Capa do Vaqueiro;
- a proposta de participação em um projeto coletivo ligado a uma instituição com força representativa na região;
- a participação em um processo criativo.

Importante destacar que este projeto é resultado de um contato de mais de uma década na região, através de atividades culturais e educacionais realizadas nas cidades envolvidas (Cordisburgo, Morro da Garça e Andréquicé/Três Marias).

COMPOSIÇÃO DA CAPA

A impressão da capa foi elaborada na perspectiva de compor o sertão em várias dimensões. Destacamos a atmosfera dessa paisagem, imprimindo as suas cores características: do azul celeste do céu ao ocre da terra batida. O cuidado com a tonalidade buscou representar a atmosfera local desse espaço.

A literatura de Guimarães Rosa concretizou-se no tecido através de imagens de um artista plástico também nascido na cidade do escritor, Cordisburgo, e que desenvolveu diferentes leituras sobre a região e a obra do autor, entre elas, Grande Sertão: Veredas. José Murilo Batista de Oliveira (J. Murilo) é um artista que traz em sua pintura a singularidade dos intertextos da prosa de Rosa, em uma profusão de detalhes de cenas e temas do sertão. Desse trabalho, selecionamos alguns episódios que foram impressos na parte de trás da capa: o julgamento de Zé Bebelo, o pacto e o cortejo de morte de Diadorim. Na parte da frente, foram impressas algumas cenas do sertão.

Imprimimos também na capa o próprio texto do autor. Selecionamos duas páginas do seu diário de viagem (viagem ao sertão de Minas realizada em 1952) e a primeira página de Grande Sertão: Veredas, de um dos rascunhos da obra. Assim, texto e pesquisa foram registrados na parte interna da capa e apresentam o processo criativo do escritor.

Frente e verso, dentro e fora, foram compostos representando o espaço, a geografia, o texto e a sua tradução em outra linguagem, criando assim uma composição a ser trabalhada através de outra linguagem, o bordado.

Figuras 5 e 6 - Capa Ideal - referência da memória sertaneja e recriada a partir de referências da literatura de João Guimarães Rosa.



Vista da Capa em vários ângulos.

Fonte: Acervo do autor.

MINIATURAS

Três miniaturas foram criadas como réplicas da capa maior para comporem o acervo das cidades que participaram do processo das oficinas. Percebemos a importância de concretizar, para cada local, sua participação no processo através de algo que ficasse nas cidades. Nas três capinhas, foram impressos elementos da capa maior, com espaço na parte de trás para registrar aspectos da identidade de cada cidade. A proposta era que essas miniaturas ficassem nas respectivas cidades como memória do projeto.

Figura 7 - Miniatura de Cordisburgo.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 8 - Miniatura de Morro da Garça.



Fonte: Acervo do autor.

ASSINATURAS

Para registrar a participação de todos no processo sem que isso ficasse restrito ao bordado, propusemos que cada participante deixasse a sua identificação pessoal e desenvolvesse a sua assinatura. Utilizamos o alfabeto criado por Ariano Suassuna a partir de marcas de gado e cada integrante compôs, com duas ou três letras, a sua marca de vaqueiro/vaqueira para assinar o objeto. O resultado foi um painel com mais de 170 assinaturas que acompanha o projeto.

Figura 9 - Painel de assinaturas baseado no alfabeto criado por Ariano Suassuna.



Fonte: Acervo do autor.

OFICINAS

O nosso principal objetivo foi integrar e compor a memória do sertão com o estímulo da obra de Guimarães Rosa. Bordar era um pretexto para compor imagens e o pano de fundo das paisagens impressas, mas especialmente queríamos representar esse fio que unia as comunidades através da literatura, para que essa integração fosse registrada não apenas nos projetos culturais realizados nas cidades⁵, mas que a capa fosse um símbolo desse *Movimento*. As oficinas concretizaram a união entre os espaços e as comunidades.

Tínhamos o desejo de compor um diálogo entre o bordado e as artes plásticas com os desenhos de J. Murilo. A proposta foi estimular essa comunicação sem que o bordado fosse apenas instrumento de preenchimento dos desenhos e que não concorresse com as imagens impressas, enfim teríamos que achar uma forma de compartilhar linguagens com um objetivo bastante estimulador: achar o belo nessa composição.

Realizamos cinco oficinas em cidades diferentes. A capa partiu da cidade de São Paulo para Cordisburgo, Andrequicé, Três Marias e Morro da Garça. Cada local teve um processo

diferenciado. Em Cordisburgo, as oficinas foram realizadas no próprio Museu Casa Guimarães Rosa. Tivemos a presença constante do grupo de bordadeiras Estrelas do Sertão e outros integrantes. Em Andrequicé, tivemos também a contribuição do grupo de bordado Bordadeiras de Andrequicé e, especialmente, a participação de crianças e jovens. Em Três Marias, o grupo de artesãs, agentes culturais e funcionários da Secretaria de Cultura tiveram presença marcante. Em Morro da Garça, bordaram conosco bordadeiras e membros do grupo da maior idade e jovens. São Paulo foi a última oficina e uma atividade rápida, mas com a participação de mais de 50 pessoas.

Tínhamos várias estratégias a serem realizadas nas oficinas e um público bastante heterogêneo. Desenvolvemos:

- Atividades diretamente na capa;
- Experimentos têxteis - pequenos desenhos do artista plástico J. Murilo impressos separadamente. Atividade onde foram trabalhadas e discutidas a relação entre linguagens;
- Bordar e conceber a miniatura da capa;
- Bordar a assinatura de cada participante.

A Capa foi trabalhada em seis partes e tínhamos a peça piloto à disposição para observar a sua composição. Com a intensa participação das bordadeiras nas localidades, algumas orientações em relação aos destaques a serem compostos eram discutidas e depois elas assumiam a composição entre a linguagem do desenho e do bordado.

Figuras 10 e 11 - Capa impressa: cores, imagens e textos (seis partes).



Fonte: Acervo do autor.

A principal preocupação era como intervir nos desenhos, destacar algumas partes, quais seriam as partes bordadas. Assim, além da imagem representada, tínhamos que avaliar e retomar os episódios literários. Como exemplo, nas figuras 12 e 13: Cortejo de morte Diadorim e o Pacto, com detalhes bordados.

Figura 12 e 13 - Detalhes Bordados: Cortejo de Morte Diadorim e o Pacto.



Fonte: Acervo do autor.

Experimentos têxteis foram estratégias propostas pensando nas pessoas que tinham pouco ou nenhum contato com o bordado. Iniciávamos atividades em panos individuais onde foram impressos alguns desenhos do artista J. Murilo. A proposta foi proporcionar o contato com o bordado, mas também trazer, através desses fragmentos têxteis, a memória do sertão. Neles imprimimos bois, carros de boi, veredas, buritis, cenas de pessoas caminhando e vaqueiros andando a cavalo. Essa etapa foi essencial, pois estimulávamos a reflexão sobre as imagens, cores, situações. Era o momento em que o processo de criação participativo era intenso, para que posteriormente, cada um fizesse escolhas em seu próprio pano. Crianças e jovens participaram intensamente dessa etapa.

Figura 14 e 15 -Intervenções de bordado nos desenhos de J. Murilo.



Fonte: Acervo do autor.

Nas Miniaturas da Capa, o bordado foi trabalhado num processo bastante integrado, pois o desafio foi torná-las a referência da cidade. Portanto, a parte de trás de cada capinha caracterizou as cidades:

- Em Cordisburgo, foi registrada a frase pronunciada por Guimarães Rosa no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras sobre a cidade que nasceu “Cordisburgo, pequenina terra sertaneja...”;
- Em Morro da Garça, foi trabalhada uma lenda da região sobre um dragão. História registrada por um escritor local, além de elementos da cidade;

- Andrequicé/Três Marias destacaram o Rio São Francisco, Manuelzão e a Igrejinha da Sirga.

As Assinaturas firmaram a particularidade de cada integrante do projeto. O universo do vaqueiro foi fortalecido, uma vez que o alfabeto fora criado a partir de marcas de gado. Dessa maneira, a participação de todos ficou registrada em um painel com mais de 170 assinaturas bordadas pelos interventores no projeto.

Como o objetivo da capa era tornar-se uma expressão da memória coletiva e representação da participação de muitas pessoas, tivemos nas oficinas grupos heterogêneos, mas constantes. Entretanto, abrimos espaço para a participação pontual daqueles que queriam apenas conhecer o projeto e compartilharam apenas algumas horas. Esses deixaram suas *marcas* através de alguns pontos bordados na capa grande. Dessa forma, pudemos incluir no trabalho, muitos homens, alguns ex-vaqueiros, crianças e pessoas com necessidades especiais.

Figura 16 - Inclusão, no trabalho de bordado de homens, ex-vaqueiros, crianças e pessoas com necessidades especiais.



Fonte: Acervo do autor.

A capa tornou-se Manto pela força da criação coletiva e pelo significado que adquiriu no processo, compondo não apenas linguagens artísticas, mas intenções e afetos na experiência de bordar a memória. Ela integrou realidade com ficção, literatura narrada à vida das pessoas, e assim a memória local encontrou um suporte para se manter viva e preservada. O Manto de Vaqueiro é a representação do sertão mineiro e uma homenagem aos nossos vaqueiros, personagens tão importantes na história do Brasil. É também uma possível leitura

da literatura de João Guimarães Rosa, mas acima de tudo é expressão de uma experiência coletiva de tecer a beleza de muitas histórias.

Diante dessa mostra de atividades, fica perceptível como o bordado criou um espaço significativo e tem traduzido expressões importantes relacionadas à memória particular e coletiva, à literatura, à cultura popular, entre tantos outros temas, e também se colocado como expressão artística. Especificamente, achamos singular e importante essa abertura a uma linguagem tradicional e antiga que possibilita diálogos entre gerações, gêneros, além de ter um potencial inclusivo surpreendente.

As referências particulares da linha e da agulha são os instrumentos facilitadores para que as pessoas *experimentem* bordar. E aqui nos reportamos à Larrosa⁶, quando nos oferece a reflexão em torno da *experiência e do saber experiência*, uma vez que hoje o excesso de informação e opinião, a falta de tempo, entre outros aspectos da vida, nos afastam do contato mais direto, pois, para Larrosa, a experiência

é a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque e requer um gesto de interrupção [...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião [...] suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, **cultivar a arte do encontro, calar muito**, ter paciência e **dar-se tempo e espaço** (LARROSA, 2002, grifo nosso).

O **tempo do bordar** é esse tempo descrito por Larrosa, processual e forte. O que conta é a disposição de cada bordador para se relacionar com a linha, com a agulha, com o tecido e com o outro. Nessa *pulsção* entre particular e coletivo, entre o eu e o outro, entre a fala e o silêncio, surge esse novo tempo, um tempo necessário para cultivarmos a nossa sensibilidade e estimular a criação.

NOTAS

- 1 Desde 1995, participamos e apoiamos a organização de semanas culturais em cidades do Circuito Literário Guimarães Rosa. Nessa longa experiência, convivemos com a idealização e constituição de grupos de bordados de Cordisburgo, Morro da Garça e Andrequicé.
- 2 Brasil Fio a Fio foi um evento realizado no SESC Pinheiros/SP em 2011 e reuniu catorze grupos de bordado com curadoria de Beth Ziani. <http://www.youtube.com/watch?v=hMs3LFcuE10>
- 3 A criação do **Manto do Vaqueiro** faz parte do projeto *Memória Viva do Sertão* com curadoria de Beth Ziani, estudiosa da obra do escritor Guimarães Rosa, em parceria com a figurinista Joana Salles. Esse projeto integra a *Nova Exposição do Museu Casa Guimarães Rosa* de Cordisburgo/MG, onde o Manto está exposto.
 - https://www.youtube.com/watch?v=qxyJhFGVSiU&feature=player_embedded
 - www.jornalwebminas.com.br/notas_novo.php?coluna=224
- 4 Museu Casa Guimarães Rosa é situado em Cordisburgo/MG, cidade natal do escritor. O

Circuito Literário Guimarães Rosa é composto por cidades com referências sobre a vida ou a obra do escritor.

- 5 As cidades que participaram do projeto realizam Semanas Culturais anualmente, quando reúnem artistas, pesquisadores, críticos e apaixonados pela literatura do escritor mineiro.
- 6 Bondía, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n.19, 2002

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ZIANI, Beth. Texto de abertura do evento Brasil Fio a Fio/SESC Pinheiros, 2011.

Referências na internet dos projetos citados:

Brasil Fio a fio – Sesc Pinheiros/SP - <http://www.youtube.com/watch?v=hMs3LFcuE10>.

Manto do Vaqueiro - https://www.youtube.com/watch?v=qxyJhFGVSiU&feature=player_embedded.

www.jornalwebminas.com.br/notas_novo.php?coluna=224.

Bordar São Paulo - <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/video/19091>.

Blog – Fio a fio - <http://brasilfioafio.wordpress.com>.

Beth Ziani

Doutoranda pela USP/SP na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Professora. Idealizadora do projeto Memória Viva do Sertão. Desde 1997 participa das Semanas Culturais em Cordisburgo, Morro da Garça e Andrequicé, ministrando oficinas, cursos e na Participa do grupo Teia de Aranha (grupo de bordadeiras de São Paulo). Idealizadora do projeto De Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos, iconografia bordada sobre a vida e a obra do escritor Guimarães Rosa. Criadora e curadora do projeto Manto do vaqueiro- bordado itinerante, com participação de 200 bordadeiras. Atualmente desenvolve o Núcleo de Estudos – Literatura Viva.

Vencedora do Proac/2009 e publicou o livro: Sequência, nossa vida na rua e em 2011 – Proac - Circulação Literária: Projeto Literatura Viva.